

SÍRIOS E LIBANESES NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DO CADASTRO DE IMIGRANTES DO ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO – ANRJ (1939-1949) E OUTRAS FONTES.

SYRIANS AND LEBANESE IN RIO GRANDE DO SUL STATE: ANALYSIS OF IMMIGRANT FILES FROM THE NATIONAL ARCHIVES RIO DE JANEIRO - ANRJ (1939-1949) AND OTHER SOURCES.

Me. Julio Bittencourt Francisco*

Resumo: O artigo é uma análise das fontes que foram investigadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, referentes ao cadastramento obrigatório de estrangeiros residentes no Rio Grande do Sul, a partir do Decreto-lei 406 de 1938, que tornava obrigatório este procedimento por parte dos estrangeiros residentes no país. Neste artigo, lançamos um olhar sobre o que disseram os arquivos a respeito de uma parte da imigração árabe no estado, porém procuramos entender sua voz, no sentido de perceber as incompletudes e prosseguir na investigação usando outras fontes, como bibliografia memorialista local e entrevistas com descendentes de imigrantes.

Palavras-chave: Arquivo Nacional; Brasil; Imigração; Sírios; Libaneses.

Abstract: The article investigate a micro-cosmos of 753 names of Syrian and Lebanese immigrants in Rio Grande do Sul state, selected from primary historical source at National Archives of Rio de Janeiro, whose files refer to the decree-law nº 406, ruled in 1938, making mandatory the registration of every foreign alien resident in the country. Looking into to the micro-cosmos of the so said 753 names of immigrant is easy to understand its limits in terms representing all the Arabs in Rio Grande do Sul but in the other hand it blanks drove us toward other sources as local historical literature and interviews with descendant.

Key words: Brazil; Immigration; National Archives; Syrian; Lebanese.

*Museólogo, mestre em Memória Social e Documento pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/RJ); Doutorando em História pelo programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); E-mail: francisjulio@hotmail.com;

Introdução

O presente artigo é o resultado das pesquisas realizadas para tese de doutorado do autor, que contempla a imigração de sírios e libaneses para o Rio Grande do Sul entre 1890 e 1930. Entre os dias 25 de maio e 18 de junho de 2015, trabalhamos com as fontes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro referentes ao cadastro de estrangeiros radicados no estado do Rio Grande do Sul. Examinando a documentação do arquivo de estrangeiros, aberto pela Polícia Federal em 1939, selecionamos manualmente, entre as cerca de 20 mil fichas do arquivo, aquelas com sobrenomes árabes entre as demais etnias que se fixaram no estado. Depois de refinada a seleção, transcrevemos 753 nomes que representam um retrato coletivo, mas também individual, dos imigrantes sírios e/ou libaneses no estado, entre 1939 e 1949, época do cadastramento. Esta seleção de nomes e trajetórias contém diversas informações sobre cada imigrante, como local e data de nascimento, data de chegada ao país, profissão e endereços domiciliares e profissionais nas cidades de residência, além de estado civil e filiação de cada árabe que se cadastrou no estado naquela época. Sendo o cadastramento de todos os estrangeiros obrigatório, o conjunto das informações formou um microcosmo, uma espécie de laboratório que compõe uma amostragem de diversas trajetórias dentro de um recorte temporal e geográfico, o qual corresponde, em nossa pesquisa, ao final do século XIX e início do século XX, em todo o Rio Grande do Sul: capital, colônias e fronteiras. Ou seja, nossa pesquisa visa conhecer um pouco mais da imigração dos árabes que chegaram ao estado sulino entre 1890 e 1930.

Esse microcosmo, longe de representar um retrato acabado da realidade, verificou-se incompleto, uma vez que percebemos faltarem, nesse registro, nomes de famílias árabes onde sabíamos haver, como nos casos dos municípios de Caxias do Sul e Garibaldi, para citar apenas dois. Diante do fato de não encontrarmos nomes árabes cadastrados em determinadas áreas geográficas do estado, fomos lançados na direção de outras fontes e métodos de pesquisa, com a finalidade de completar o quadro e realizar conexões entre o material que conseguimos reunir nos arquivos e, através de entrevistas, a palavra de descendentes de imigrantes radicados no Rio Grande do Sul.

Obras sobre a imigração de sírios e libaneses no Rio Grande do Sul ainda são raridade, e o tema é muito pouco explorado em termos de propostas de pesquisas acadêmicas. Mesmo

que as etnias tenham reconhecida a sua importância em nível nacional, com presença bem distribuída no território brasileiro, no Rio Grande do Sul mostraram toda uma peculiaridade na interação com imigrantes europeus, de uma forma mais intensa e direta no norte do Estado, enquanto, no sul, desfrutaram, junto aos gaúchos e uruguaios, um tempo de glória e prosperidade econômica entre 1890 e 1930. Apesar de terem vivenciado duas revoluções (1893 e 1923), terminaram por se integrar totalmente aos gaúchos do sul do estado quase sem deixar vestígios. Na capital, os árabes formaram uma pequena, mas bem articulada, comunidade, com clubes e igrejas étnicas e sobretudo uma identidade própria, que foi definida não sem muita luta, visto que, afinal, a memória e a sua gestão constituem quase sempre um campo de lutas. (LEMOS E MORAES, 2000)

Sírios e libaneses no Brasil

A tradição oral conta que os primeiros sírios e libaneses a entrar no Brasil vieram através de Portugal, em época anterior à da imigração que conhecemos, “porém, a data de 1871 é aceita como um consenso, nas estatísticas oficiais, para a entrada dos primeiros sírio-libaneses no país, inicialmente no Rio de Janeiro” (SIQUEIRA, 2002 p.27). Mas foi a partir do fim do século XIX e início do século XX, atendendo à expansão do capitalismo europeu e às transformações daí decorrentes, que o fenômeno emigratório ocorreu com intensidade, tanto da Europa quanto do Oriente Médio, em direção ao Brasil.

O primeiro contato dos brasileiros com imigrantes sírios e libaneses provavelmente foi durante o ciclo da borracha, na região amazônica, na década de 1880. Concentrados em Belém e Manaus, alguns árabes e suas famílias, seguindo o comércio dos seringueiros, se estabeleceram também no Acre. No Amazonas, começaram vendendo miudezas aos ribeirinhos e ficaram conhecidos como ‘regatões’. Em pouco tempo, já dominavam o comércio, especialmente de roupas e tecidos finos, das capitais amazônicas. Terminado o ciclo da borracha, esses imigrantes se voltaram para as regiões norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do país. Apesar da experiência agrícola na terra de origem, a mascateação foi a atividade inicial dominante dos imigrantes, padrão observado em todo o Brasil e em diversos países da América Latina, onde ficaram conhecidos como ‘turcos’, por serem súditos do Império Otomano (1517-1918) na época da imigração.

Fixados geralmente nos núcleos urbanos, sírios e libaneses costumavam, contudo, circular pelo vasto interior rural do Brasil, cuja população, muito maior que a das cidades, representava um número significativo de potenciais consumidores. De acordo com as informações da bibliografia acessada, os imigrantes levantinos que chegaram ao Brasil no século XIX eram, muitas vezes, jovens e quase sempre solteiros e semi analfabetos. Desse modo, eles deram uma importante contribuição no processo de ocupação do território nacional, “funcionando como elementos dinamizadores dos mercados local e regional, integrando regiões até então isoladas do mercado consumidor” (NUNES, 1986, p. 62).

Nos primeiros anos de atividade, os mascates, em visita às cidades interioranas e principalmente às fazendas, levavam apenas miudezas e bijuterias. Mas, com o passar do tempo e o aumento do capital, começaram também a oferecer tecidos, lençóis, roupas prontas, entre outros artigos. Conforme acumulavam os ganhos, os mascates contratavam um ajudante ou compravam uma carroça; o passo seguinte era estabelecer uma casa comercial. Foram eles que introduziram as práticas da alta rotatividade e da alta quantidade de mercadorias vendidas, das promoções e das liquidações.

Algun tempo depois, principalmente em São Paulo, onde se concentravam os mais importantes comerciantes atacadistas, eles ingressaram no setor industrial. A expansão de suas atividades econômicas na produção têxtil na década de 1920 coincidiu com a ‘era dourada’ da fabricação de tecidos no Brasil. Após a Primeira Guerra Mundial, as fábricas brasileiras de têxteis aumentaram em 50% a sua produção, reduzindo assim a participação das importações inglesas no mercado nacional. O grupo étnico que mais se beneficiou desta situação foi exatamente o dos sírios e libaneses, que, no final dos anos 1920, despontou como uma poderosa força econômica em São Paulo (TRUZZI, 1992, p. 66). Na década seguinte, era crescente a sua presença no conjunto da indústria têxtil brasileira, destacando-se, sobretudo, na produção de fibras sintéticas.

Sírios e Libaneses e as estatísticas nacionais da 1ª metade do século XX

As estatísticas da Imigração Brasileira de 1880 a 1949 mostram que, enquanto portugueses representavam 31% das imigrações, italianos 30%, espanhóis 14%, japoneses

5%, alemães 4%, os imigrantes do Oriente Médio totalizavam somente 3% e iniciaram sua entrada no Brasil a partir do período de 1890 (LESSER, 1999, p.9).

Os dados numéricos sobre o ingresso no Brasil dessa corrente imigratória são muito imprecisos, sobretudo porque até 1892 todos eles (sírios, libaneses, palestinos e mesmo turcos) foram classificados como turcos. Foi apenas a partir desse ano que os sírios passaram a ser registrados separadamente. Como até 1920 – depois, portanto, do término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e início do mandato francês na Síria e no Líbano – o Líbano foi considerado parte da Síria, todos os libaneses foram incluídos entre os classificados como sírios. Todavia, “tanto antes como depois de 1892, a imensa maioria dos imigrantes registrados como turcos eram, de fato, sírios e libaneses” (PIMENTEL, 1986, p. 121). Ernesto Capello (2002) afirma basicamente o mesmo, mas fornece outras datas. Segundo ele, as duas nacionalidades – síria e libanesa – “foram incluídas numa única categoria pelas autoridades de imigração brasileiras até 1926, ano em que o Líbano se separou da Síria”. Na verdade, complementa o autor, até 1908, todos os imigrantes do Império Otomano eram classificados no Brasil como ‘turco-árabes’. Por conseguinte, diz ele, “é totalmente impossível ter à disposição dados estatísticos confiáveis acerca do número de imigrantes especificamente sírios ou libaneses” (CAPELLO, 2002, p. 34).

Contudo, é certo que, nos períodos de 1895 a 1914, nos anos 1920 e no pós-1945, registraram-se as entradas mais expressivas desses imigrantes no país. Durante as duas Grandes Guerras, o fluxo se reduziu de modo significativo ou praticamente cessou. No conjunto, os dados disponíveis contabilizam o ingresso de 57.020 pessoas entre 1895 e 1914, de somente 2.693 entre 1914 e 1919 (no contexto da Primeira Guerra Mundial) e de 42.210 de 1920 a 1930, totalizando 101.923 imigrantes (ALMEIDA, 2000, p. 14). Nesse último período, os ingressos anuais dos sírios e libaneses variaram entre mil e cinco mil imigrantes, atingindo um pico de 7.308 em 1926 (NUNES, 2000, p. 60).

O ano de 1930 marca o início das restrições imigratórias. Pelo Decreto 19.482, de 12 de dezembro de 1930, o novo governo brasileiro (Getúlio Vargas havia assumido o poder pouco antes, graças à vitória da Revolução de 1930) limitava a imigração aos estrangeiros já domiciliados no Brasil, àqueles cuja entrada fosse solicitada pelo Ministério do Trabalho e, sob certas condições, aos trabalhadores especializados (PIMENTEL, 1986, p. 47). A subsequente adoção do sistema de cotas, somada à depressão econômica, provocou uma

redução substancial do fluxo imigratório em geral. No caso específico dos sírios e libaneses, entre 1930 e 1940, a média de entradas no Brasil ficou entre cem e quinhentos por ano. Com a Segunda Guerra Mundial, esses números foram drasticamente reduzidos (NUNES, 1986, p. 89).

De acordo com o Censo Nacional de 1940, o número de sírios e libaneses do sexo masculino chegava a 27.689, enquanto as mulheres somavam 18.097. É oportuno lembrar que, de acordo com Knowlton (1960, p.93), “o número relativo de homens e mulheres de uma população também influencia a maioria das tendências e índices demográficos, exercendo igualmente uma sutil influência nas relações sociais”.

Os homens também superavam, em muito, as mulheres em relação à naturalização: 4.163 contra 1.284. Todavia, no que concerne aos descendentes de segunda geração, registra-se um grande equilíbrio: 53.769 homens contra 53.307 mulheres (CORTES, 1958, p. 72). No Rio Grande do Sul, de acordo com o censo de 1920, havia cerca de 2.500 sírios e libaneses; já em 1940, o censo contabilizou em torno de 1.900 desses imigrantes no estado gaúcho.

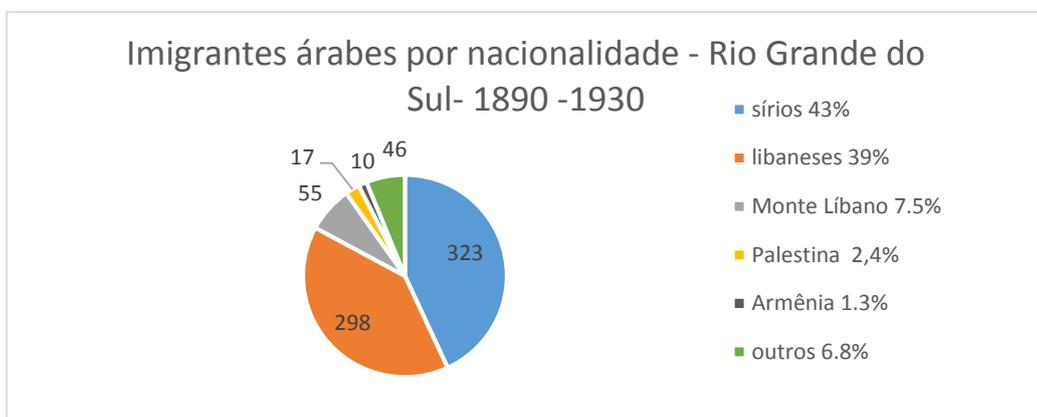
A Pesquisa

Na seleção de 753 nomes, 522 são homens e 231 mulheres. Elas representam 31% do contingente migratório árabe que se cadastrou no Rio Grande do Sul entre 1939 e 1949. Entre as mulheres, 132 se declaram casadas, 61 solteiras, 34 viúvas e 3 desquitadas. Mulheres casadas e ‘do lar’ são maioria, porém, entre as 14 que declaram trabalhar, além das casadas estão também as viúvas e as solteiras, atuando em diferentes profissões como: modistas, agricultoras, costureiras, ambulantes, comerciantes e empresárias. Analisando os dados, observamos maior quantidade de homens casados, que são 306; seguem-se 141 solteiros, 23 viúvos e um desquitado. A profissão de comerciante ou ambulante lidera, com 65% entre os homens, especialmente entre os casados com registro de chegada anterior a 1920. Outros homens casados são: criadores, capitalistas, industriais, quitandeiros, horticultores, operários, barbeiros, empregados rurais e um pedreiro.

Entre os homens solteiros, as profissões de comerciante e ambulante predominam, mas observamos, na faixa mais larga da pesquisa, que equivale aos 33% dos que chegaram nas décadas de 1920/30, como veremos a seguir, uma crescente presença de profissões mais

elaboradas, como ourives, alfaiate, operário de indústria cerâmica, fiscal e condutor de bondes, confeiteiro, sapateiro e *chauffer*.

Gráfico I



Assim, 323 pessoas declararam-se sírias; destas, oito pediram retificação para nacionalidade libaneses através de processo administrativo. Disseram-se libaneses 298 pessoas.

Outros 46 imigrantes declararam-se naturais do Monte Líbano, dezessete da Palestina, quatorze da Armênia. (Entre os quatro que se disseram da Turquia, pelo sobrenome, entretanto, podemos deduzir serem de origem armênia.) Ainda foram contados oito argentinos e cinco uruguaios de origem árabe que remigraram ao Brasil pelo Rio Grande do Sul. Dois se disseram 'árabe', um remigrou da República Dominicana, outro disse que veio do Grande Líbano. Trinta e três não responderam coisa alguma no item relativo à nacionalidade, embora seus sobrenomes, assim como os de seus pais, sejam claramente árabes, conforme constatamos nas fichas. Este item é interessante na medida em que representa uma autoproclamação de 'si mesmos'. Assim, se somarmos os que se declararam libaneses com aqueles que mudaram de nacionalidade, e ainda outros que disseram ter nascido no Monte Líbano, veremos que, de fato, ao Rio Grande do Sul vieram, ou ali se radicaram, mais libaneses do que sírios, pelo menos na amostragem que representa nosso microcosmo. Embora não haja informação nas fichas de cadastro, a confissão religiosa desses imigrantes foi averiguada através da análise dos sobrenomes. Entre os 753 selecionados, é fácil perceber que 35 nomes são muçulmanos, ou cerca de 5% do total de nossa amostragem.

Entre estes, 22 chegaram ao Brasil entre as décadas de 1921 e 1930, três pessoas entre 1911 e 1920 e uma entre 1900 e 1911. As outras sete chegaram depois de 1930, ou não souberam responder a esse item. Essas observações estão em consonância com os dados historiográficos, mas também com as estatísticas oficiais que colocam a chegada de imigrantes cristão sem cifras elevadas nas primeiras décadas do século XX. Entre os imigrantes que declaram ter chegado ao Brasil depois de 1920, podemos observar perfis diferentes dos chamados ‘mascates’ do fim do século XIX, início do século seguinte, que se fizeram proprietários ou prósperos comerciantes no meio do século XX, devido ao processo de acumulação lenta e segura. Os que declararam trabalhar na indústria de alimentos Swift, por exemplo, pertencem a outra geração, já chegaram com alguma instrução ou eram profissionais formados e de nível técnico.

Quantidade e localização de imigrantes árabes no Rio Grande do Sul

Um retrato histórico e geográfico das 753 pessoas cadastradas entre 1939 e 1949 revela que a cidade de Porto Alegre ficou com 436 imigrantes; Pelotas, com 84; Rio Grande, 53; Santa Maria, 33; Alegrete, 18; Uruguaiana, 16; Bagé, 13; São Sepé, 12; Canoas, 8 e São José do Norte, 7 nomes. Outros municípios gaúchos aparecem no mapa com números menos expressivos, porém importantes, entre eles, com três nomes: Osório (Bacupari), Cachoeira do Sul (Restinga Seca), Gravataí, Jaguarão, São Gabriel, Santa Vitória do Palmar; ainda, com dois nomes: Canguçu, São Jerônimo, Viamão, Novo Hamburgo, Encantado, Arroio Grande, Itaqui, São Francisco de Paula, Encruzilhada do Sul, Tapes e Jaguarão; e, por fim, com um nome cada, os municípios de Guaporé, São Lourenço do Sul, Dom Pedrito, Santa Cruz do Sul, Camaquã, Passo Fundo, Livramento, Lavras do Sul, Bom Jesus, Rosário do Sul, Estrela, Lajeado, Santo Antônio da Patrulha, Quaraí, Herval, Montenegro e Vacaria.

Como observamos anteriormente, as lacunas deixadas em nossa seleção pela ausência de famílias árabes em cidades importantes do estado não significam que lá não havia sírios ou libaneses. O caso de Caxias do Sul é assim. A entrevista com o Senador Pedro Simon foi reveladora quando ele declarou que seus pais vieram “do Líbano em 1922, para Marselha, na França. De lá, até o Rio de Janeiro, e depois, trocando de navio duas vezes, até Porto Alegre. Da capital até Caxias do Sul, de trem”. Dois de seus irmãos mais velhos, assim como a

família de dois primos da mesma aldeia de Kfur, no Líbano, os Sehbe e os David, já estavam lá estabelecidos com comércio quando Caxias do Sul ainda era “distrito dos Bugres, com meia dúzia de barracos no centro”.

A maior parte das cidades, municípios e distritos acima mencionados estão estrategicamente situados nas bordas das principais artérias, rodoviárias ou ferroviárias, ligando o interior à Capital. Algumas cidades, dispostas nos cruzamentos, serviam para guarda de estoque, reposição de mercadorias e, às vezes, pouso nas jornadas de ligação entre um mercado e outro. Por exemplo: a rodovia Tronco Sul, que une Rio Grande/Pelotas a Santa Maria, passa por Encruzilhada do Sul, Canguçu e São Sepé, três locais de concentração de sírios no fim do século XIX, como mostram as famílias árabes ali estabelecidas por ocasião do cadastramento, na década de 1940. É possível perceber, também, que os contingentes árabes, naquela época, eram bastante móveis e se deslocavam rapidamente para onde fossem os consumidores e os investimentos.

Em nossa pesquisa junto ao Arquivo Nacional, verificamos que alguns imigrantes fizeram uso de certidões diversas, como as de casamento, nascimento e batismo de filhos, de óbito de cônjuges e até certificado de reservista dos filhos para constituir prova junto às autoridades de cadastramento, no sentido de comprovar que a sua chegada ao Brasil fora antes de 1935, como previa a condição da lei que concedia o direito à residência no país. Entre os papéis apresentados pelos estrangeiros, encontramos 58 certidões diversas. Os cartórios da cidade de Porto Alegre foram os que mais emitiram certidões; depois, um destaque especial para a cidade de Cachoeira do Sul. Entre 1909 e 1949, em nossa lista de 753 nomes, os números revelam dezoito casamentos e um nascimento como objeto das certidões de imigrantes sírios e libaneses no cartório da cidade de Cachoeira. Essa é uma pista que leva a concluir sobre a importância da cidade de Cachoeira do Sul para os sírios naquela época. Sabemos que a cidade era um polo agrário, mas também que se localizava estrategicamente entre o sul e o centro do estado, no caminho entre Pelotas e Santa Maria, e com fácil acesso à capital. Intrigados ainda pelo grande número de árabes em Cachoeira do Sul nas primeiras décadas do século XX, fizemos um teste, colocando um sobrenome tipicamente sírio-libanês – Cury - no sistema do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Feita a pesquisa ‘online’ sobre habilitações de casamento, o resultado foi de ainda mais 11 casamentos de patrícios na cidade (somente com o sobrenome Cury).

No Rio Grande do Sul, na virada do século XX, novos núcleos de colonização, pública e particular, foram abertos em áreas não exploradas ao norte e noroeste do estado, atraindo os descendentes dos colonos que já não encontravam mais terras para trabalhar dentro dos limites dos antigos núcleos coloniais. Outras cidades do interior, como Santa Maria, São Sepé, Tupanciretã, Uruguaiana, Encruzilhada do Sul e Cruz Alta, são também recorrentes na origem das certidões que os imigrantes apresentaram às autoridades, no contexto de nossa listagem. Isto também indica a importância das cidades do interior do estado à época, ea grande mobilidade dos imigrantes sírios pelo interior do Rio Grande do Sul, sempre procurando por oportunidades e acompanhando os colonos, que se agrupavam em novos núcleos para serem assentados.

Entre as várias rotas, rumo às regiões que fazem fronteira com o Uruguai, destaca-se uma onde há presença marcante de patrícios. Trata-se do caminho que liga as cidades de Uruguaiana/Alegrete a Bagé, passando por São Gabriel, Rosário do Sul e Dom Pedrito; ou até Porto Alegre, via Santa Maria, São Sepé e Cachoeira do Sul. Outra artéria estratégica, com presença de patrícios, é a que liga Jaguarão a Pelotas, com núcleos em Arroio Grande, Herval, Pedro Osório e Cerrito e, pelo litoral, fazendo a ligação entre Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, com núcleos na Quinta e em Bolacha. Outra conexão com presença dos patrícios é a que faz o litoral lagunar entre Rio Grande e Porto Alegre, com núcleos em São José do Norte, Palmares do Sul e Osório. No início do século XX, a maioria dessas localidades constituía-se de distritos ainda mais isolados; no entanto, a escolha por pequenos povoados, geralmente próximos a núcleos coloniais ou fazendas, era comum entre os sírios. Na realidade, a maior parte dos municípios do Rio Grande do Sul, naquela época, era ainda composta de pequenas povoações. Algumas evoluíram muito em termos humanos e urbanos, outras não. Um número significativo desses povoados teve crescimento muito lento ou estagnou; outros até encolheram, e ainda alguns poucos desapareceram.

O entrevistado Salim Cecim Paulo conta como seu pai, Natálio, saía de São José do Norte, mascateando até Osório, no fim da década de 1920, através de povoados como Palmares do Sul, exatamente o lugar onde conheceu a esposa e o sogro: “era uma venda isolada no areal, com abundância de uma frutinha: o bacupari. Por isso, o local ficou conhecido por esse nome, atraindo outros moradores, até se tornar um distrito de Palmares do Sul”. (Salim Cecim Paulo, entrevista em 26/06/2015)

No fim do século XIX, foi possível localizar patrícios, em nossa listagem, em municípios como Santo Antônio da Patrulha, Nova Prata e Lajeado, mas também no entorno da capital, em municípios como Gravataí e Viamão, onde várias famílias se estabeleceram. No entanto, com os desmembramentos municipais e emancipações de distritos, verificamos presença de imigrantes levantinos em cidades que não aparecem originalmente na seleção porque ainda não estavam emancipadas, como é o caso de Montenegro, Ijuí, Sananduva, entre outras, nas primeiras décadas do século XX.

Um instantâneo de meio de século aponta para numerosos quais indicam que a imigração de árabes no Rio Grande do Sul foi um fenômeno concentrado principalmente em áreas urbanas do estado: na capital e nos municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Este triângulo comercial e logístico corresponde a pouco mais de 80% dos números totais de sírios no estado. Desta forma, de acordo com nosso microcosmo, as porcentagens assim se configuram: Porto Alegre 58%; Pelotas 11%; Rio Grande 7%; Santa Maria 4,5%; e, espalhados por outras cidades do interior, os restantes 19,5%.

Uma das marcas mais importantes foi a mobilidade inicial que apresentaram os patrícios no estado. Fica claro, através de vários relatos, que os imigrantes estavam inseridos em redes de cooperação desde o início, antes até da chegada ao Brasil.

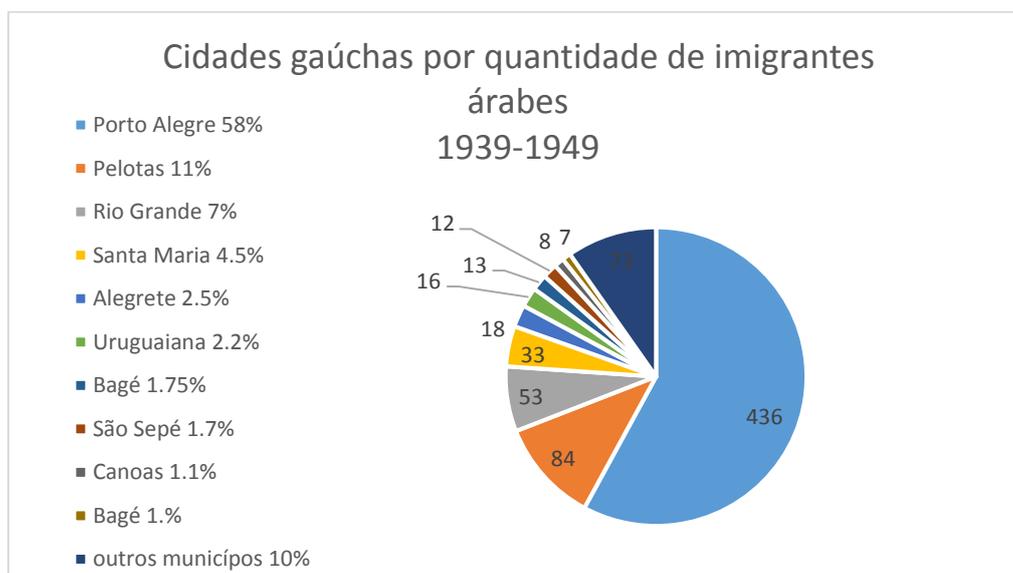
Pelo fato de voltarem sempre aos mesmos lugares, pouco a pouco formavam uma clientela própria. A relação de compra e venda era feita na base da “pechincha”, ou seja, colocar um preço maior para que fosse possível negociá-lo com o cliente. Muitas vezes, a troca se dava em espécie, isto é, por algum produto que pudesse ser comercializado em outro lugar. Assim que vendiam toda a mercadoria, retornavam à loja do patrício, para saldar as dívidas e comprar nova remessa, agora em dinheiro. Essa atividade de mascate favoreceu e ampliou o comércio a longa distância no estado, bem como favoreceu a integração aos membros da colônia, com a população local. Em busca de freguesia, constituindo novos núcleos de compra e venda (SIQUEIRA 2002p.56)

Histórias começam com eles apanhando mercadoria com algum patrício estabelecido e saindo pelo interior em busca de negócios, ou trabalhando para um irmão ou primo na loja. Seus pensamentos eram pragmáticos: Enquanto alguém chora: venda lenços! Se vir uma pessoa de pé, tente se aproximar para vender alguma coisa. Se não tiver dinheiro, troque a mercadoria por algum objeto de valor, cordão de prata, um anel, um bracelete, um

colar. Depois de alguns anos e muitas viagens, sem gastar em praticamente nada, poupando o máximo, conseguiam acumular capital e se estabeleciam com comércio.

Analisando os dados extraídos dos 753 prontuários depositados no Arquivo Nacional, montamos o gráfico abaixo, que mostra a preferência dos imigrantes árabes no Estado do Rio Grande do Sul em se estabelecer nos maiores centros urbanos, confirmando que optavam prioritariamente pelas cidades mais populosas e desenvolvidas comercialmente para se fixar e iniciar suas atividades profissionais.

Gráfico II



Outra característica que podemos observar é a presença árabe em fronteiras agrícolas emergentes na época, mas também em zonas de rápida urbanização. É importante lembrar a mobilidade dos patrícios através de grande parte do estado, nas rotas das principais artérias que ligam as regiões do estado à capital. Eventualmente, encontra-se uma família isolada, com vendinha localizada em pequeno rincão, sobretudo no início de século XX. Contudo, há de se levar em conta alguns fatores preponderantes os quais influenciam o demonstrativo que apresentamos. Em primeiro lugar, não devemos esquecer que, graças à rápida industrialização, nas primeiras décadas do século XX, Porto Alegre se firmou economicamente. No decorrer do século, Santa Maria, Caxias do Sul, Passo Fundo, Ijuí e outras cidades ao norte e a oeste atraíam mais oportunidades. Mesmo porque, ao sul do

estado, é necessário levar em conta, além da crise do capitalismo de 1929, o declínio das atividades da indústria do charque e o consequente fechamento dos bancos Popular e Pelotense, em fins dos anos de 1920 e início da década de 1930. Da mesma forma, um pouco mais adiante, o declínio das fábricas frigoríficas localizadas no sul do estado fez muitos imigrantes radicados em Pelotas e Rio Grande se deslocarem para outros pontos do estado em busca de melhores condições, principalmente para Santa Maria, Porto Alegre e seu entorno, como conta Salim Cecim:

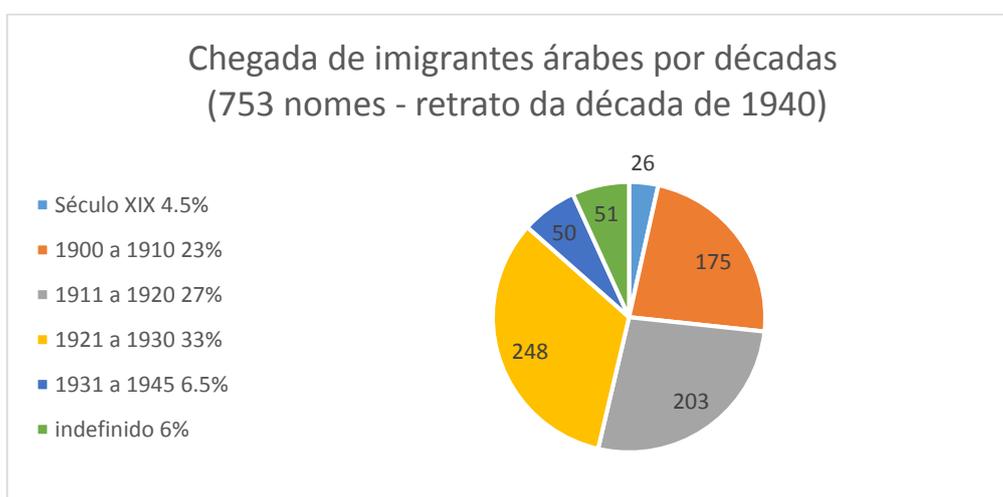
Em 1952, ele me pediu para colher assinaturas, aí eu fui. Eu estava começando, era recém-formado e tinha consultório [dentário] na Galeria dele. [Galeria Malcom – Porto Alegre] Ele queria ser Cônsul [do Líbano] e precisava de assinaturas para convencer o Ministro, lá no Líbano, a nomeá-lo aqui. Disse que me colocava no cargo de Secretário - se eu colhesse muitas assinaturas. Estive por todo o estado, e me lembro que, em Santa Maria, havia mais libaneses do que em Pelotas e Rio Grande. (entrevista com Salim Cecim)

Compilamos alguns dados relativos à anterioridade da chegada dos imigrantes sírios e libaneses, por décadas, ao Rio Grande do Sul. A clivagem vai das duas últimas décadas do século XIX até a década de 1940. As informações foram alinhadas e processadas a partir dos prontuários de imigrantes do Arquivo Nacional. O preenchimento das informações, é conveniente lembrar, foi efetuado pelas próprias pessoas interessadas. Se levarmos em conta que, entre os 753 nomes, estão incluídos, em grande parte, os imigrantes árabes vivos na década de 1940, verificaremos que, na verdade, a seleção indica com precisão que os mais velhos - os mesmos que chegaram ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, com idades entre os 16 e os 22 anos, como supõe a média etária na chegada ao Brasil (da tabela de 753 nomes) -, estariam entre os 66 e os 72 anos de idade quando o cadastramento foi realizado, na década de 1940. Assim, percebemos que se haviam reduzido a 26 indivíduos vivos os que chegaram ao estado no século XIX e que se cadastraram na década de 1940. Certamente, essas pessoas seriam os pioneiros da imigração sírio-libanesa no estado. Foram aqueles que resolveram ficar no Brasil ao invés de voltar para o Oriente Médio, como fizeram muitos. É possível que outros imigrantes árabes tenham chegado ainda antes e ficado no Brasil a maior parte de suas vidas, retornando ao Oriente Médio antes do cadastramento, como foi o caso de

outro entrevistado, Antônio Karini, cujos avós imigrantes, com filhos brasileiros, voltaram ao Líbano em 1930.

Aqueles que chegaram entre 1880 e 1890 estariam com idades entre 72 e 78 anos quando o cadastramento foi realizado, na década de 1940. Além do mais, os que estavam no Brasil em 1889, segundo a Constituição da República de 1891, seriam considerados naturalizados brasileiros automaticamente. Contudo, a maior parte daqueles que chegaram um pouco mais velhos, entre 25 e 30 anos de idade, nas mesmas duas últimas décadas do século XIX, há muito já estariam falecidos quando do cadastramento, uma vez que a expectativa média de vida no Brasil, segundo dados do IBGE para a época, era menor que 60 anos de idade.

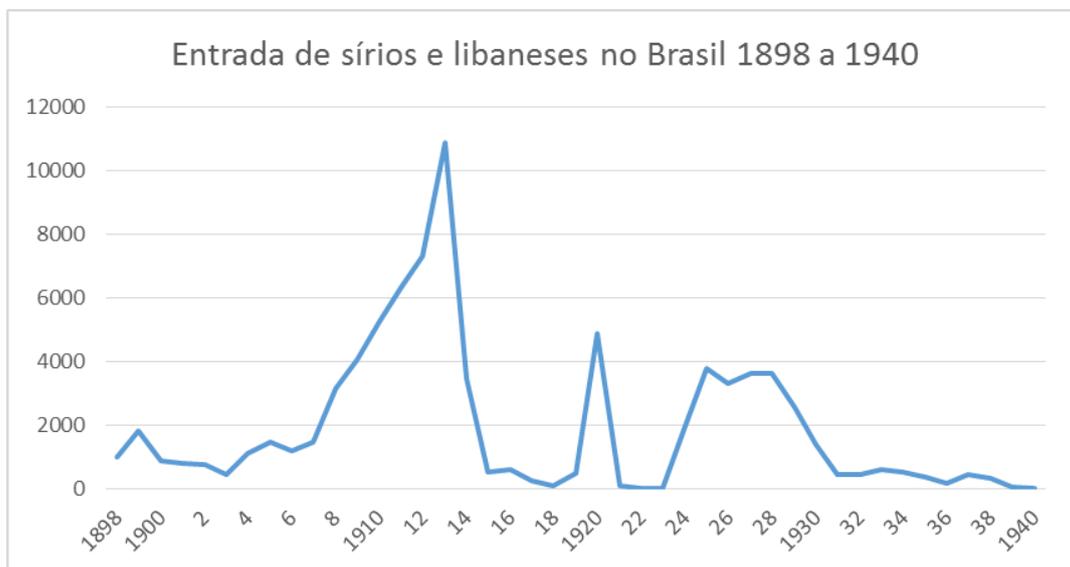
Gráfico III



Isso indica que, de uma forma dinâmica, a data de cadastramento do imigrante é determinante na configuração do gráfico, pois os mortos (os que haviam chegado no século XIX) não estavam ‘disponíveis’ para se cadastrar e engrossar seu respectivo pedaço da pizza quando a Lei tornou obrigatório o cadastramento, em 1938. Já seus filhos, que pertencem à segunda geração de imigrantes sírios, não precisavam, obviamente, fazer o cadastramento por serem brasileiros natos. Outra consideração pertinente é que a imigração sírio-libanesa para o Rio Grande do Sul teve um período e uma duração determinados. Isso significa que, entre os anos de 1890 e 1920, de forma contínua e regular (com exceção dos anos relativos à I Grande Guerra), houve entrada de árabes, sírios, libaneses e palestinos no estado. O período de maior

vigor dessa imigração, contudo, aconteceu entre 1890 e 1914, tempo em que ocorreu quase metade dos ingressos no país. Nosso microcosmo ou seleção, porém, aponta para o maior grupo, com 33%, aquele com entradas no estado entre 1921 e 1930. Tais dados estão em contradição com os dados oficiais demonstrados no gráfico IV, que aponta, nesse mesmo período, ingressos bem menores que nas décadas anteriores. Esse gráfico mostra que, entre os anos de 1898 e 1910, entraram no país 22.516 sírios, com destaque para o pico de 1910, quando foi registrada a entrada de 5.257 imigrantes; contudo, na década de 1911 a 1920, ingressaram no país 34.793 sírios e libaneses, 45% a mais que na década anterior, com destaque para o ano de 1913, véspera da eclosão da guerra, com 10.886 ingressos de imigrantes – apesar dos anos de estagnação entre 1914 e 1918. Na década seguinte, entre 1921 e 1930, observamos o número total de ingressos cair para 13.128, com destaque para o ano de 1926, quando se documentou a entrada no Brasil de 3.797 patrícios. A partir de 1931 até o fim da década de 1940, os números se mantêm praticamente inexpressivos, com uma média mensal de 300 ingressos, totalizando, no fim da década, a entrada de apenas 3.399 imigrantes.

Gráfico IV



Fonte: Universidade do Brasil Rio de Janeiro: Publicações avulsas da Faculdade de Geografia, 1950.

Interessante notar, ainda em referência ao gráfico acima, que, no período entre 1921 e 1923, não houve registros de ingressos (oficiais) de sírios e libaneses no Brasil. Isso se deve

ao fato de não haver definição sobre o *status* dos países da Síria e do Líbano, sob mandato francês, o que só se efetivou em 1923. Entre os anos de 1918 e 1922, as antigas colônias otomanas no Levante passaram a ser protetorados da Inglaterra (Palestina, Jordânia e Iraque) e da França, que assumiu a Síria e o Líbano a partir de 1923. Nesse sentido, observamos um incremento acentuado de entradas nos anos de 1925 e 1926, provavelmente causado pelos conflitos na Síria e no Líbano contra o mandato francês.

Porém, não estamos aqui tratando de ingressos, mas de imigrantes estabelecidos em solo gaúcho. Outra explicação que surge para o reduzido registro de imigrantes mais velhos liga-se ao fato de os imigrantes desta faixa etária simplesmente não terem comparecido ao recadastramento, ao contrário dos mais novos. Estes, com menos tempo de imigração no Brasil, mostraram-se mais atentos à burocracia que, caso não observada, poderia impedi-los de solicitar benefícios e emitir documentação, além de penalizá-los com multa prevista em lei, enquanto os mais velhos, já acomodados, foram mais refratários ao cadastramento e por isso aparecem em número menor. Neste contexto, é importante ressaltar que, na mesma época do cadastramento estudado, também foi realizado o senso nacional de 1940. Este senso indicou a presença de 1.903 árabes (sírios, libaneses e palestinos) no estado; contudo, o senso nacional de 1920 levantara 2.565 sírios registrados no Rio Grande do Sul. Esta perda, que perfaz uma diferença de 662 pessoas, ou 25% de diminuição do contingente étnico árabe no estado em 20 anos, é também uma imagem bastante fiel da acomodação natural da comunidade. Tais dados estão em harmonia com os números de nossa pesquisa, que indica mobilidade intensa, refletindo a procura pelos ‘árabes gaúchos’ de oportunidades em outros mercados, mas também apontando um índice importante de mobilidade externa que inclui longas viagens de negócios e até o regresso temporário à terra de origem, ou mudança para outros estados.

Em termos de presença árabe no Rio Grande do Sul, foi possível reunir informações que indicam maior concentração na capital e na metade sul. Passadas algumas décadas, verificamos que o centro do estado, a região serrana e sobretudo o noroeste rio-grandense, no triângulo que tem as pontas nas cidades de Santa Rosa, Cruz Alta e São Borja, até meados dos anos de 1940, era a região com menor quantidade de patrícios registrados. Causou espanto, por exemplo, que, na cidade de Ijuí, no noroeste do estado, município conhecido por ser o “*meltingpot*” gaúcho, com representantes de quase todas as etnias que vieram para o Rio

Grande do Sul, não houvesse, nos registros, nenhum representante da imigração árabe. Curiosos com a lacuna, mais uma vez buscamos auxílio junto ao Arquivo do Estado e sua consulta *online*. Investigamos a família Creidy, que, em nossos registros do Arquivo Nacional, estava radicada em Lajeado e Estrela. Verificamos então que, em 1940, de acordo com o cadastramento, o imigrante libanês Abraão Aiub Creidy estava radicado em Lajeado/RS, onde se encontrava desde 1904. Ele havia expandido sua família para a recém-criada localidade de Ijuí, tendo casado com Maria Kraide, em 1916, e deixado muitos descendentes na cidade.

Na capital, observamos a existência de um núcleo original de sírios e libaneses desde antes de 1899, na rua Nova (Andrades Neves). Mas, depois de 1900, também constatamos sua presença no Caminho Novo, hoje rua Voluntários da Pátria, lugar em que a presença árabe passa a predominar ao longo do século XX, além de pequenos núcleos de comércio árabe na Azenha, nas ruas Cristóvão Colombo e Benjamin Constant, e também no Centro Histórico da cidade, especialmente nas ruas Mal. Floriano, Dr. Flores, Duque de Caxias, Demétrio Ribeiro, Cel. Fernando Machado, Riachuelo, Mercado Público e Praça Parobé, que, juntamente com o bairro São João, constituem os locais de maior concentração dos sírios e libaneses na capital dos gaúchos até o fim da década de 1930. Ao longo da década de 1920, observamos que os locais de moradia quase sempre são os mesmos do comércio, porém vai ocorrendo uma gradual separação entre local de trabalho e residência à medida que o século XX se desenrola. É quando os comerciantes da colônia vão se tornando mais independentes e seguros financeiramente. Negociantes mais abastados procuram morar nos bairros mais reservados e luxuosos, como Floresta, Independência e Auxiliadora, que não são muito distantes do centro e, desde o início do século, estão razoavelmente bem servidos em termos de estrutura básica.

Durante a década de 1920, fica claro que não foi coincidência a ocupação dos árabes nos mesmos espaços deixados pelos portugueses que chegaram em maior número, no meio do século XIX. Eles também iniciaram a vida como vendedores ambulantes, ou em pequenos estabelecimentos, com quitanda, barbearia ou sapataria; exploravam o comércio e viviam em cortiços nesses mesmos sobrados onde moravam com suas famílias. Os redutos sírios que se verificam na rua 25 de março, em São Paulo, e na rua da Alfândega, no Rio de Janeiro, compartilham a mesma herança arquitetônica e ocupação portuguesa anterior. Os mesmos sobradões típicos da arquitetura lusitana estão presentes em Porto Alegre, especialmente ao

longo das ruas Voluntários da Pátria e Benjamin Constant, e das avenidas Cristóvão Colombo e Azenha. São vias importantes da capital e bem servidas por transporte público desde as primeiras décadas do século XX. De acordo com a lista dos endereços dos imigrantes a que tivemos acesso nos prontuários, notamos que as artérias de fluidez da cidade são as vias preferidas dos sírios da capital. São, ao mesmo tempo, eixos viários importantes, locais de maior concentração de patrícios com comércio em Porto Alegre, mas também lugares por onde passam os principais meios de transporte público, como bondes, automóveis e ônibus.

Em Porto Alegre, o sobrado era uma concepção praticamente padronizada. Cada sala em seu lugar, uma unidade compacta com circulação e interligações consagradas sobre um pavimento inferior, mesmo um porão que o elevava, destacando-o entre os demais elementos do complexo de habitação-trabalho. Sua origem, ou pelo menos o esquema de sua planta, estava realmente na genealogia da casa açoriana. (OLIVEIRA, 1993p.218)

Na década de 1930, conforme vimos, os bairros residenciais de maior procura pelos patrícios abastados, fora do centro, são: Independência, Floresta, Auxiliadora. Encontramos, porém, forte presença de patrícios nas ruas Botafogo, no Menino Deus, e nas ruas Avaí, Sarmiento Leite, José do Patrocínio e Lima e Silva, na Cidade Baixa. Havia ainda, a partir de meados da década de 1930, uma notável presença de alguns árabes com lojas e residências no bairro da Azenha, assim como muitos libaneses (e sírios) concentrados na avenida Benjamin Constant, nas ruas Marquês de Alegrete e Augusto Severo, no bairro São João, 4º distrito de Porto Alegre. Neste último bairro, há uma antiga presença germânica, pela proximidade da zona industrial do 4º distrito, no vizinho bairro de Navegantes, mas também pelo Clube Ginástico, atual SOGIPA, localizado no São João. Foi ali perto, no mesmo bairro de São João, que alguns comerciantes libaneses compraram lotes baratos, na década de 1930, atraídos pelo loteamento na antiga pedreira dos irmãos libaneses Selaimen.

Uma das peculiaridades do estado do Rio Grande do Sul, comparado ao restante do Brasil, além da maciça imigração européia, é o clima temperado e a razoável distribuição de chuvas anuais. Outra vantagem interessante do estado gaúcho é a de estar em uma situação geográfica onde as fronteiras permeiam pelo menos dois quadrantes do estado, a oeste e a sul. Assim, o Rio Grande do Sul recebeu muitos imigrantes que chegaram pelo Uruguai ou pela Argentina, mas também cedeu uns tantos outros para o lado da fronteira, fato bastante natural,

pois as pessoas estão sempre em busca de melhores condições de trabalho ou de oportunidades que o momento econômico proporciona.

Os que chegaram no fim do século XIX

Apesar dos números pouco representativos encontrados entre os 753 nomes selecionados do cadastro do Arquivo Nacional, 26 indivíduos, todos eles cristãos, são imigrantes árabes que chegaram ao estado nas últimas décadas do século XIX. A metade, ou seja, 13 nomes, eram residentes na capital durante a década de 1940. Abaixo, separamos algumas informações sobre esses imigrantes radicados em Porto Alegre e no interior. Em comum, eles partilham o fato de terem chegado ao Rio Grande do Sul no fim do século XIX. A data da coluna esquerda representa o ano do cadastramento, e a da direita corresponde às informações disponíveis em seus prontuários:

Antônio Karan, nascido em Bagé em 1915, residente na cidade de Pelotas, com 100 anos de idade na época em que foi entrevistado, em 22/06/2015, confirmou que seu pai, Francisco Karan, nasceu no Líbano e que, aos 18 anos, trabalhava diariamente arando o solo seco e pedregulhos o nas terras da família. Diante disso, sabe que o pai entrou num navio de transporte italiano, juntamente com outros patrícios, em 1894, e desembarcou em Montevideo. No Uruguai, dirigiu-se a uma pequena cidade no centro do país, “Santa Clara de Olimar, um reduto de Karans”. Contou que o pai passou 12 anos como mascate, visitando fazendas e estâncias pela fronteira, “desbravando lugares onde não havia nenhum comércio” até juntar dinheiro e passar ao Brasil. Assim disse Antônio Karan:

Soube disso muito depois... através de um antigo capataz dele. O capataz me contou, disse assim: “teu pai entrou no Brasil: Montado num cavalo zaino”! Meu pai atravessou o Passo do Salso em 1908. Foi lá que eu nasci, numa casa de torrão, chão batido e telhado de zinco, na época, era 4º distrito de Bagé, ele comprou muitas quadras de terras lá..., mas então, o capataz termina de descrever meu pai quando entrou no Brasil: “de botas pretas, esporas de prata presas por correntes de ouro”. (Entrevista com Antônio Karan)

Em Porto Alegre, destacamos os seguintes imigrantes que chegaram no fim do século XIX:

Tabela A

Ano do cadastramento	Informações do Prontuário
1939	Abdo Yunes, declarou ter chegado a Porto Alegre em 1895, com 17 anos. Aos 51 anos, no fim da década de trinta, era residente na rua Pelotas, 421, Floresta, e exercia o comércio na rua Voluntários da Pátria, 373, no Centro da Cidade.
1944	O comerciante Faddoul DaichSatt, libanês de 68 anos, viúvo e estabelecido com comércio na rua Riachuelo, 856, Centro de Porto Alegre/RS. Residente na mesma rua, número 891. Declarou ter chegado à cidade em 1895, com 19 anos. Solicitou retificação de seu sobrenome, em 1952, para Saad. Apresentou certificado de reservista de seu filho João Satt, de 1938.
1944	O casal Leonel e Maria Elias. Ele com 70 anos, comerciante, ela com 67, do lar. Consta que ele chegou em 1892, aos 18 anos, e ela em 1902, aos 25 anos de idade. Casaram em Cachoeira do Sul, em 1909, porém, em 1944, residiam na rua Ramiro Barcelos, 236, bairro Floresta, na capital.
1945	O comerciante Simão Abraão, de 72 anos, com banca (nº. 31) no Mercado Público. Declarou ter chegado aos 19 anos, em 1892. Residente na rua Amélia Teles, 150, Petrópolis, Porto Alegre. Seu irmão, Nedir Abraão, de 67 anos, chegou em 1899, aos 20 anos. Em 1945, ele era carroceiro, e sua residência era no 4º distrito, na rua Moura Azevedo, 375, em Porto Alegre.
1946	O aposentado Antônio Zeiden, de 76 anos (nasceu em 1870, na Síria/Líbano). Pelo prontuário, sabemos que chegou ao Brasil em outubro de 1889, com 19 anos de idade. Foi proprietário de casa comercial em Vacaria e, em Porto Alegre, no 4º distrito, na rua Cairu, 230. Aposentou-se em 1948, passando a residir na rua Casimiro de Abreu, 220, Moinhos de Vento, em Porto Alegre/RS.

Fonte: Fichas de cadastro depositadas no ANRJ. Maio 2015.

No interior, destacamos os seguintes nomes dos que chegaram no final do século XIX:

Tabela B

Ano do cadastramento	Informações do Prontuário
1939	José Mussa Canaan Bechara, aos 70 anos, de profissão comerciante no Mercado Público de Bagé, residente na rua Mal. Floriano, 1062, declarou que chegou a Bagé aos 17 anos, em 1899.
1943	Aos 66 anos, Raymundo Canaan Sirpa, nascido no “Monte Líbano”, comerciante e residente em Pelotas/RS, na Rua dos Andradas, 849,

	declarou que chegou à cidade aos 22 anos, em 1889. Em 1906, consta que contraiu matrimônio em Tupanciretã/RS.
1943	Moyses Kraide, aos 64 anos, declarou ter chegado ao Rio Grande do Sul em 1898, e se fixado em Encruzilhada do Sul/RS, onde se estabeleceu com comércio.
1943	José Antônio Grabi, aos 68 anos, e a mulher Rajun Mansur Audi, aos 65, chegaram ao Brasil em 1893, ele com 18 ela com 15 anos de idade. José Antônio se estabeleceu em Santa Maria/RS, como comerciante, na rua Manuel Ribas, 2030.
1945	Os irmãos Abelim: o mais velho, José, veio em 1897; em 1901, chegou Pedro, o mais novo. Em 1916, trouxeram o primo, Miguel, do Líbano. Em 1945, quando os dados foram informados, eram comerciantes no Centro de Santa Maria/RS, e estavam todos com sessenta anos de idade ou pouco mais.
1947	Josefina Mechareffe, viúva e comerciante, aos 67 anos, apresentou documentação de sua firma, localizada na Rua Dom Pedro II, nº 801, em Pelotas/RS. Beker (1958) menciona seu marido, Felipe, como a maior referência entre imigrantes árabes no início do século em Pelotas e Bagé.

Fonte: Fichas de cadastro depositadas no ANRJ. Maio 2015.

Os que chegaram entre 1900 e 1910

A leva de imigrantes que chegou ao Brasil entre 1900 e 1910 perfaz 23% da amostragem total, ou 152 pessoas dos 753 nomes selecionados. A característica indicada por esta geração é que vieram antes da I Grande Guerra, ainda no contexto das grandes levas migratórias. Eles são majoritariamente do sexo masculino, sendo que a diferença entre os sexos é de dois para um, ou seja, para cada mulher, dois homens, ou 52 mulheres e 100 homens. A média de idade na chegada ao Brasil, entre homens e mulheres, é de 17 anos, e há apenas dois nomes muçulmanos entre os 152 listados. Entre os árabes que declararam ter chegado ao Rio Grande do Sul na primeira década do século XX, 100 estavam radicados em Porto Alegre; 17 em Pelotas; 10 em Rio Grande; 6 em Santa Maria; 3 em Uruguaiana; 2 em Bagé, Alegrete e São Francisco de Paula. Com uma família em cada município, estão: Herval, Canoas, Guaporé, Santo Antônio da Patrulha, Tapes, São José do Norte, Lajeado, Jaguarão e Livramento.

João José Bainy, chegado em 1907, aos 17 anos, em Pelotas/RS, marcou o início da vinda em sequência de outros imigrantes da mesma família. Dois anos mais tarde, chegou o irmão, Jorge, e por mais de 30 anos chegaram outros membros da grande família Bainy, provenientes da cidade de Barsa, no Líbano. Todos eles tornaram-se empregados das lojas

Bainy e irmãos, localizada na Rua 7 de setembro, 407, em Pelotas. Embora pouco comum, este tipo de imigração, que desloca não famílias, mas todo um grupo de parentela de um país ao outro, foi o da família Bainy, que durante um extenso período trouxe pessoas do Líbano a Pelotas.

A chamada ‘imigração em corrente’ reproduz, na terra da imigração, a organização familiar da terra de origem. O termo ‘corrente’ diz respeito ao trânsito de ida e volta entre a terra de imigração e a de origem, que pode durar muito tempo. No caso da família Bainy, documentamos 30 anos de chegadas de familiares a Pelotas, entre 1907 e 1937. Os dados pressupõem um tráfego de duas mãos, o que indica a chegada de jovens, parentes nascidos no Líbano de pais brasileiros, jovem casal que vem do Líbano com filho de um ano, irmãos e primos que emigram juntos, enfim, a chamada grande família, que reúne a parentela em torno da liderança do patriarca. No caso dos Bainy, verificamos que os mais antigos, de acordo com os dados do ANRJ, chegam na primeira década do século XX; contudo, é muito provável que a família já estivesse em Pelotas desde o fim do século XIX. Verificamos, de toda forma, pelos nomes dos pais, que são pelo menos quatro os núcleos familiares, compostos por primos e tios. Vemos que alguns imigrantes da família Bainy, que são irmãos, esperam apenas a maioria para atravessar o Oceano Atlântico em direção a Pelotas.

Entre os sírios e libaneses que chegaram na primeira década do século XX, e que constam da lista elaborada a partir das fichas do Arquivo Nacional, o que mais se notabilizou no plano das ideias foi o libanês Abílio d’Nequete. Filho de Miguel e Rafaela Nequete, chegou ao Rio Grande do Sul em 1903, com 14 anos. Abílio veio do Líbano à procura do pai, mascate radicado em São Feliciano, distrito de Encruzilhada do Sul. Ele veio sozinho, tendo desembarcado no Porto de Rio Grande, e depois de encontrá-lo e passar algum tempo em sua companhia, exercendo a mascateação pelo interior, d’Nequete rompeu com o pai. Em Porto Alegre, na rua Eduardo, 1106, (atual Franklin Roosevelt, em Navegantes, 4º distrito de Porto Alegre), aprendeu e exerceu a profissão de barbeiro. Lá mesmo teve contato com trabalhadores das indústrias que surgiam, na época, em grande escala naquela região. Começou assim a desenvolver o pensamento marxista e a militância na área trabalhista. O libanês foi o responsável pela “primeira associação bolchevista ser fundada no país, a pequena União Maximalista de Porto Alegre. Por ocasião de seu comparecimento, em 1º de agosto de 1918, a União publicou um manifesto em que clamava à classe operária apoderar-se do

produto de seu trabalho” (FOSTER-DULLES, 1977p.143). d’Nequete, de Porto Alegre, e Astrojildo Pereira, representante comunista do Rio de Janeiro, fundaram, com outras pessoas, inclusive outro imigrante, o espanhol Manuel Cendon, que era alfaiate, o Partido Comunista Brasileiro, em Niterói, no ano de 1922, sendo Nequete seu primeiro Secretário Geral. Em 1942, aos 54 anos, declarou ser ‘professor particular’. De fato, d’Nequete foi professor da Escola de Comércio de Porto Alegre, atual Faculdade de Economia da UFRGS. De acordo com Bartz (2008 p.169), “Nequete foi também ortodoxo, republicano, espírita e, quando saiu do movimento operário, criou uma teoria política própria, a tecnocracia, e uma religião correspondente, o evidetismo”. Embora a trajetória de Abílio d’Nequete seja apenas mais uma história de um imigrante inserido em meio à diversidade humana, não podemos esquecer que ele chegou ao país adolescente, com 15 anos de idade. Ele representa uma geração de pessoas nascidas no Oriente Médio, que, de forma obstinada, espontânea e generosa se lançou rumo a terras desconhecidas para mudar de vida.

Claude Najjar, em “Imigração árabe: cem anos de reflexão” (1978 p.33), atribui a força dessas pessoas a um Renascimento (*nahda* em árabe) em diferentes níveis. Ela situa as causas da imigração árabe para o Brasil não apenas como políticas, econômicas, sociais ou meramente educacionais. “É de todas essas dificuldades que tenta se afastar o imigrante para, na terra da imigração, ir formando um grupo, apesar de suas diferenças”.

Os que chegaram entre 1911 e 1920

A leva de imigrantes que chegou ao Rio Grande do Sul entre 1911 e 1920 perfaz 27% da amostragem total, ou 203 pessoas dos 753 nomes selecionados. Uma característica importante dessa nova onda migratória é que os imigrantes vieram no intervalo que corresponde ao antes e o depois da I Grande Guerra. Entre os anos de 1914 e 1918, praticamente não houve ingressos de árabes no país. O Rio Grande do Sul, no entanto, continuou recebendo imigrantes através da fronteira com a Argentina e o Uruguai. Verificamos que alguns imigrantes, embora de origem árabe, haviam nascido ou obtido cidadania do outro lado da fronteira. Este é o caso de João Monassa, nascido no Uruguai, mas que entrou no Brasil com a família em 1915, radicando-se em Bagé; de Antônio Jorge Malcon, que entrou no Brasil vindo do Uruguai com dois anos de idade, em 1916, radicado

em Porto Alegre; de Rita Curi Bainy, que em 1918, aos 4 anos de idade, chegou a Pelotas com a família, vinda da Argentina.

Nesta década, a leva de imigrantes do sexo masculino aumentou ligeiramente, desde a anterior, totalizando uma média de 2.3 homens para cada mulher, ou 61 mulheres e 142 homens. A média de idade na chegada ao Brasil, entre homens e mulheres, é de 19 anos, dois a mais do que na década anterior, o que pode evidenciar a chegada de familiares mais velhos daqueles que imigraram anteriormente. Entre os nomes selecionados na década observada, encontram-se duas pessoas de origem muçulmana e três de origem judaica (judeu sírio ou libanês).

Neste período, começa a nascer um número maior de descendentes de imigrantes, mas também já estão adultos aqueles que vieram crianças do Oriente Médio, juntamente com os pais, nas décadas anteriores. Este contingente, que não consta de nossa listagem, alimentou, no Rio Grande do Sul, o fenômeno das migrações internas, conhecido como processo de ‘enxamagem’ (ZAMBERLAM; et al, 2009, p.18), quando “esgotados o espaço territorial das imigrações europeias nas ‘colônias velhas’, seus descendentes são estimulados a buscar novas fronteiras agrícolas, iniciando assim o ciclo da migração para as novas colônias”. É também durante esta década que vamos encontrar alguns nomes de nossa listagem entre os sobrenomes de alunos matriculados nas melhores escolas da cidade, juntamente com os filhos de luso-brasileiros e descendentes de imigrantes alemães, italianos, espanhóis, portugueses e poloneses.

Os que chegaram entre 1921 e 1930

O período responde por 33% de nossa amostragem total, ou a maior fatia da pizza, que corresponde a 244 pessoas. Embora seja um período de declínio da imigração sírio-libanesa para o Brasil, verificamos um aumento de sírios e libaneses que entraram no Rio Grande do Sul na década entre 1921 e 1930. Isso pode ser explicado pela escolha do estado gaúcho, em detrimento de outros estados, ainda que fosse a opção de poucos novos imigrantes. Entre os 244 sírios que declararam ter chegado ao Rio Grande do Sul na segunda década do século XX, 127 pessoas, pouco mais da metade, estavam radicadas em Porto Alegre. No interior do estado, as 117 pessoas restantes se distribuíam mais ou menos assim: 28 em Pelotas; 12 em

Alegrete; 9 em Rio Grande; 7 em Bagé; 3 em Uruguaiana e São Sepé e 2 em Livramento. Outros municípios com uma família cada um são: Novo Hamburgo, Dom Pedrito, Cachoeira do Sul, Osório, Arroio Grande, Gravataí, Itaqui, Camaquã, Montenegro, Santa Vitória do Palmar, Rosário do Sul e São Francisco de Paula.

Percebemos que, nesta década, Rio Grande perdeu uma posição para Alegrete, passando de 3º para 4º colocado em quantidade de patrícios. Também, neste período, a média etária dos imigrantes sobe para 22 anos e a disparidade entre homens e mulheres aumenta consideravelmente, sendo que, em nossa amostragem, contamos 178 homens e 66 mulheres, ou seja, '2.7' homens para cada mulher, o maior índice em comparação com as outras décadas estudadas. Esses números indicam a importação de mão de obra qualificada: homens solteiros, profissionais que vieram ao Brasil para trabalhar em empresas, fossem patrícios ou não. Entre as 244 pessoas, 119 se declararam libanesas, e 96 sírias. Outras 29 pessoas vieram da Palestina, ou se declararam armênias. A proporção de judeus e muçulmanos, embora continue em franca minoria, cresceu significativamente desde a última década, aumentando de 5 para 10% do total de imigrantes.

Em relação às mulheres, constatamos um aumento das declaradas desquitadas e solteiras que trabalham. Assim é o caso de Matilde Jorge Nassur. Ela chegou a Porto Alegre em 1927, aos 22 anos. Em 1945, aos 40 de idade, era proprietária de um pequeno comércio na frente de sua residência, na rua Benjamin Constant, 1515, bairro Floresta, na capital. Suraya Kalil Curichegou ao Rio Grande do Sul aos 10 anos de idade, em 1923. Aos 32 anos de idade, completados em 1945, solteira, ela gerenciava a loja do pai, José Kalil Curi, na rua Andrade Neves, 658, no centro de Pelotas. Outro exemplo de mulher solteira trabalhando é o de Hind Fayad, modista de 36 anos. Ela chegou a Bagé, vinda do Líbano, em 1923. Em 1950, seu atelier era na avenida Farrapos, 31, 2º andar, no centro de Porto Alegre.

Considerações finais

Assim, percebemos o quanto o fenômeno imigratório mudou ao cabo das primeiras décadas após a chegada dos pioneiros. Verificamos que todo um perfil de imigrante pode mudar completamente ao longo do tempo, enviando à terra da imigração jovens solteiros, famílias inteiras, mulheres e crianças. Ficam evidentes também, pelo perfil do imigrante, suas

possibilidades e oportunidades de inserção social à medida que o tempo vai passando e o século XX se encaminhando ao fim de sua primeira metade.

Também se perceber que as oportunidades vão escasseando à medida que o século avança, o próprio perfil do imigrante vai mudando para se adaptar às demandas do meio hospedeiro. Desta forma, nossos dados apontam para algumas divergências em relação aos números oficiais da imigração de árabes para o Brasil. Por exemplo, durante a década de 1920, quando cai o ingresso de imigrantes a entrar no país, este número aumenta em nosso ‘universo’ de pessoas selecionadas em relação aos ingressos no Rio Grande do Sul, indicando a preferência pelo estado mais ao sul, talvez justamente por seu perfil humano mais universal. Ou porque tenha parecido aos imigrantes árabes que o Rio Grande do Sul fosse um estado mais agrícola em tempos nos quais a especialização começava a ser um importante diferencial para quem estivesse começando a vida do nada, como muitos imigrantes árabes cujas técnicas agrícolas de subsistência eram bem desenvolvidas na terra de origem, e que vieram para o Brasil depois de 1920.

De qualquer forma, foi, para nós, de extrema importância a investigação levada a cabo nos arquivos de cadastro de estrangeiros do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A partir da constituição de um universo próprio, criamos um verdadeiro laboratório, com 753 casos bem documentados para analisar. O resultado de tal estudo é a compilação de um quadro que, embora incompleto, torna-se bastante revelador, pois as suas falhas apontam os caminhos da pesquisa. Isso é o que procuramos mostrar neste artigo, no qual nos debruçamos, em um olhar mais próximo e detalhado, sobre um fenômeno que, embora importante, revela-se pouco estudado entre os gaúchos, qual seja, a imigração árabe no Rio Grande do Sul no fim do século XIX e início do século XX.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ludmila Savri. Sírios e libaneses: redes familiares e negócios. In: Célia Maria Borges (org.). *Solidariedades e conflitos. Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

BARTZ, Frederico Duarte Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária *HISTÓRIA SOCIAL*. Campinas, SP N° 14/15 157–173 2008.

BECKER, Klaus *Enciclopédia Rio-grandense*: Volume V Porto Alegre, 1958.

BELTRÃO, Romeu *Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho* Canoas, La Salle, 1979.

CAPELLO, Ernesto. *Carrying the past: the Syrio-Lebanese Emigration to Brazil*. Journal, No. IV, acesso em 20/01/2002.<http://www.la.utexas.edu/research/paisano/EECtext.html>.

CARNEIRO, Fernando Universidade do Brasil Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia *Publicações Avulsas da cadeira de geografia*, 1950.

CARVALHO, D. DE. *Chorographia do Districto Federal*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

CORTES, Geraldo Menezes *Migração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, n. 95, 1958.

FOSTER DULLES, John W. *Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LEMONS, M^a Teresa e MORAES, Nilson (ORG) *Memória e construções de identidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

LESSER, Jeffrey. *Negotiating the national identity. Immigrations, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham, Duke Uni. Press, 1999.

LOPES, Américo. *Atos do governo provisório*. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos Editor. 1931. v. 1.

KEMEL, Cecília L.A. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

KNOWLTON, Clark *Sírios e libaneses em São Paulo: ascensão social e mobilidade espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.

MARTINS, Cristiane Alves Branco O desenvolvimento da cidade de Rio Grande ao longo de sua história Dissertação de Mestrado em Economia UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

NUNES, H. A imigração árabe em Goiás: 1880 - 1970. Dissertação de Mestrado (Instituto de História) Universidade de São Paulo: USP, 1986.

OLIVEIRA, Clovis Silveira de *Porto Alegre: cidade e a sua formação* 2^a edição Porto Alegre: Ed. Gráfica Metrópole, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Os italianos e os modernistas paulistas*. Texto apresentado no XXVI Encontro Anual da ANPOCS (GT Pensamento Social no Brasil), 2002. (mimeo.)

RANGEL, Roberto da Rosa. *Fronteira Brasil Uruguai: Entre o Nacional e o Regional* (1928/1938) UPF, Brasil, s/d disponível em: <https://inrcbage.files.wordpress.com/2011/09/s2a2-vai.pdf>

ROSA, Carla Rosane Silveira Os primeiros imigrantes sírios e libaneses na cidade de Pelotas: final do século XIX, início do século XX UFPEL Especialização em História, Pelotas, 2005.

SCHIERHOLT, José Alfredo *Estrela Ontem e Hoje* Editora Multimídia, Estrela, 2002.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. *Da imigração à fundação do clube sírio-libanês do Paraná*. Coordenação de Mohty Domit Filho. Curitiba: Edição do coordenador, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Nº 3, *Memória*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

PIMENTEL, Valderez Cavalcante *A aculturação do imigrante sírio no Piauí (estudo de caso)*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

TRUZZI, O. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1992.

VANSINA, JAN *Oral Tradition as History* University of Wisconsin Press, 1985.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Joaquim; BOCCHI, J. & MURARO, E. *Desafios das Migrações – buscando caminhos*. Porto Alegre: CIBAI Migrações, 2009 p.84